

Favelas: uma paisagem que cresce dentro do cenário brasileiro



"A favela como fórmula de sobrevivência" foi o tema desenvolvido por Lúcio Kowarick na última reunião anual da SBPC. Fazendo uma análise sociológica e econômica, Lúcio parte de uma abordagem histórica para explicar a concentração de favelas em determinadas regiões do país.

Transcrevemos a seguir um breve resumo do trabalho apresentado para debate destacando os seus aspectos mais importantes:

Paisagem freqüente no cenário das cidades brasileiras são as favelas, onde grande parte de seus habitantes moram em frágeis barracos. Tendo em comum a precariedade de suas habitações, existem diferenças entre elas dependendo da região em que se situam.

Metrópoles como Salvador e Rio, para ficarmos nos casos mais flagrantes, apresentam cifras bem mais expressivas do que São Paulo. No caso baiano basta mencionar os Alagados, onde se concentram mais de 100 mil pessoas. No Rio existem aglomerados bastante antigos e numerosos, enclavados nos morros altamente valorizados da zona Sul. No final da década passada nada menos do que 1 milhão de pessoas viviam em barracos e, não obstante as remoções realizadas nos últimos anos, nada indica que tal contingente tenha decrescido. Uma das prováveis causas dessa grande concentração de favelados no Rio e Bahia seria o fato de serem cidades litorâneas, de vastas glebas de propriedade do poder público, em particular da Marinha e do Exército, cujas condições de solo são pouco aproveitáveis para receber edificações ou mesmo sujeitas a valorizações. Haveria especificamente, a questão da topografia da cidade, causa

geralmente apontada para o Rio, onde os favelados subiram os morros num momento em que os empreendedores imobiliários ainda não se interessavam em construir naqueles espaços, então pouco valorizados, da zona Sul.

Em São Paulo, desde o início do século, quando houve um substancial incremento demográfico provocado pela necessidade de concentrar na cidade uma força de trabalho abundante e barata, os cortiços tornaram-se freqüentes em alguns bairros da cidade. Eram, sobretudo, casas construídas com a finalidade específica de alojar, em pequenos cubículos, os operários cujos alugueis, uma vez somados, propiciavam retornos ponderáveis aos empreendedores imobiliários dos períodos iniciais da industrialização. Em épocas mais recentes, com a aceleração das migrações internas, decorrentes do novo patamar industrial, que se forjou fundamentalmente depois da Segunda Guerra, a classe trabalhadora passou a residir preponderantemente nas assim chamadas "casas precárias", situadas nas múltiplas e cada vez mais distantes "periferias" da cidade. De forma crescente, a moradia desprovida de infra-estrutura, construída de maneira parcelada pelo próprio proprietário com a ajuda de parentes em loteamentos clandestinos, foi o resultado de salários crescentemente deteriorados e uma das formas que permitiu que a mão-de-obra engajada no processo produtivo se reproduzisse a baixos custos.

Apesar de não haver pesquisas específicas sobre a causas desta aceleração recente é viável supor que, além da compressão salarial que no fundo está no âmago do processo de favelização, o vertiginoso aumento no preço da terra

urbana, que nos últimos anos também afetou as áreas da periferia da cidade, tornou ainda mais problemática a confecção da casa própria. Outro fator que provavelmente levou a uma ampliação do número de favelados deve residir no controle mais drástico por parte do poder municipal, no sentido de impedir o surgimento de loteamentos clandestinos e que parece ter levado muitos dos empreendedores voltados para a abertura dos "bairros" e "jardins" populares a abandonar os seus rentáveis negócios.

Os favelados assumem sua real significação quando se leva em consideração o impedimento por parte dos órgãos públicos que visam impedir a proliferação de novas favelas ou o surgimento de barracos nos núcleos já existentes. Por outro lado, nos últimos anos, a Prefeitura tem desenvolvido programas de remoção das favelas, que ocorrem tão logo os terrenos onde se situam passam a ter uma "serventia" para a cidade ou os barracos neles localizados a ser um "foco de mal-estar" para moradores mais afastados.

O assim chamado "problema habitacional", em que se inclui a favela, deve ser entendido no âmbito de um processo mais abrangente que diz respeito à produção de espaço, o qual, por seu turno, condiciona as formas de utilização e a renda de terra urbana.

Contudo, a trama urbana para a maioria da classe trabalhadora assume a sua dramaticidade real e trágica em decorrência de, pelo menos, dois fatores: De um lado, através da reprodução a baixos custos da força de trabalho, processo diretamente conjugado a uma modalidade de acumulação que, em anos recentes, não obstante os altos aumentos





da produtividade do trabalho, tem se realizado também através da pauperização real de boa parcela da classe trabalhadora. De outro, o fato dos investimentos públicos em bens de consumo coletivo tenderem a seguir a lógica do lucro imobiliário, cuja dinâmica só se pode acirrar ainda mais ao nível das condições urbanas de existência, a dilapidação que, de maneira tão drástica, já se opera no âmbito das relações de trabalho.

O exemplo do Metrô exprime, talvez de maneira mais flagrante, o que ocorre em todas as áreas da cidade que recebem um serviço público: a dinâmica de produção dos espaços urbanos, ao gerar uma melhoria, cria simultânea e constantemente milhares de desalojados e desapropriados que cedem seus locais de moradia para grupos de renda que podem pagar o preço de um progresso que se opera através de uma enorme especulação imobiliária. Tal é a trama que só pode levar à fixação das camadas populares mais pobres nas zonas carentes de serviços públicos, até o dia em que, com o crescimento da Metrópole, também destes locais tenderão a ser expulsos se, por ventura, sua iniciativa política e civil ainda continuar bloqueada.

De fato os favelados constituem um extrato extremamente pobre da população de São Paulo pois, enquanto apenas 8% dos habitantes da capital tem um rendimento familiar mensal inferior a 2 salários mínimos e o conjunto da classe trabalhadora em 20% dos casos estão nesta situação, 80% dos favelados não ultrapassam esta faixa de renda.

Os homens geralmente trabalham como operários braçais na construção civil ou

desempenham atividades autônomas como ambulantes, jardineiros carregadores, vigilantes e tarefeiros de funções variadas e intermitentes, enquanto a maioria das mulheres que trabalha o fazem na condição de empregadas domésticas.

Tradicionalmente a favela apresentava-se como fórmula de sobrevivência para a população pobre da cidade em, pelo menos, dois aspectos: em primeiro lugar, por significar uma economia nos gastos de habitação que representam pouco menos da quarta parte do orçamento de uma família típica da classe trabalhadora. Em segundo lugar, na medida em que as favelas tendiam a localizar-se próximas aos centros de emprego, levaria a uma redução de despesas com transportes que representam cerca de 9% dos gastos de consumo da mão-de-obra que utiliza a condução coletiva como meio de deslocamento entre moradia e o trabalho.

O crescimento da metrópole alicerçada na dinâmica do lucro, que constantemente valoriza a terra urbana, tem tornado cada vez mais difícil aos favelados fixarem-se em terrenos próximos aos centros de emprego, à semelhança do que ocorre com a maioria dos trabalhadores. Estes, devido aos seus baixos níveis de remuneração, não podem pagar o assim chamado "preço do progresso" da cidade. Verifica-se também a tendência da "expulsão dos favelados para a periferia, agravando ainda mais o quadro de exclusão desse segmento da população". Sua ida para os bairros longínquos representa um aumento de 3 a 4 horas no deslocamento para o trabalho. O fato de ser favelado desqualifica o indivíduo da condição de habitantes urbano, pois retira-lhe a possibilidade de exercício de uma defesa que se processa em torno da questão da moradia. Ocupantes da terra alheia, o favelado passa a ser definido por sua situação de ilegalidade e, sobre ele, desaba o império draconiano dos direitos fundamentais da sociedade, centrados na propriedade privada, cuja contrapartida necessária é a anulação de suas prerrogativas enquanto morador. Assim, nem neste aspecto mínimo o favelado tem aparecido enquanto cidadão urbano surgindo, aos olhos da sociedade, como um usurpador que pode ser destituído sem a possibilidade de defesa, pois, contra ele paira o reino da legalidade em que se assenta o direito de expulsão-lo.

A política governamental que procurou congelar o crescimento das favelas, im-



pedindo o surgimento de novos núcleos e o adensamento dos já existentes, bem como, freqüentemente, destruindo muitos aglomerados criou entre os favelados uma "consciência de proibição": é a condição de estar numa situação ilegal de moradia que significa a eventualidade sempre presente de ser obrigado a abandonar a favela de um momento para outro. Em face desta contingência o favelado percebe-se no cenário urbano de São Paulo como uma pessoa sem direitos e sem formas de organização para obtê-los.

Sem sombra de dúvidas o padrão de moradia reflete todo um complexo processo de segregação e discriminação presente numa sociedade plena de contrastes acirrados. De uma forma mais ou menos acentuada este processo perpassa todos os patamares da pirâmide social onde os mais ricos procuram se diferenciar e se distanciar dos mais pobres. Mas a favela recebe de todos os outros moradores da cidade um estigma extremamente forte que forja uma imagem que condensa males de uma pobreza que por ser excessiva, é tida como viciosa e, no mais das vezes, também considerada perigosa: "a cidade olha a favela como uma realidade patológica, uma doença, uma praga, um quisto, uma calamidade pública".

Malgrado a pressão e repressão ou a remoção e expulsão, o número de favelados tem crescido num ritmo bastante rápido o que leva à indagação sobre as causas que conduziram ao recrudescimento de tal fenômeno. A primeira explicação que desponta é que a favela seria um estágio temporário no percurso do migrante, uma espécie de período de

poupança forçada que lhe permitiria trocar o barraco por uma habitação de melhores condições. Nesta concepção a favela seria uma espécie de trampolim pelo qual os recém-chegados à cidade, após certo tempo, penetrariam em patamares caracterizados pelo usufruto de níveis de consumo superiores, inclusive uma moradia com padrões mais elevados de habitabilidade.

É claro que a favela recebe também os recém-chegados à cidade e que uma parcela dos que moram em barracos poderá conseguir, com a poupança que ela representa, as condições econômicas para ingressar em outra situação habitacional de características menos precárias. Mas nada indica que este processo de "conquista da cidade" seja preponderantemente entre os favelados. Ao contrário, os dados disponíveis levam a afirmar que esta passagem freqüentemente não ocorre, pois apenas 5,4 das famílias faveladas possuem um terreno na região da Grande São Paulo, dos quais 4,7% ainda em fase de pagamento sendo freqüente, devido às "crises" que imperam no cotidiano de suas vidas, a descontinuidade das amortizações e a consequente perda da propriedade.

A saída da favela não é um processo de fácil efetivação. As observações nos dois núcleos pesquisados indicam que, basicamente, ela ocorre quando da existência de duas eventualidades. Em primeiro lugar quando há apoio externo, expresso na existência de parentes que chamam os favelados para residirem conjuntamente ou ajudarem na construção ou aluguel de uma moradia. A segunda eventualidade pode ocorrer na época de remoção de favelas por parte do poder público, quando a Prefeitura auxilia os favelados que têm terreno, com a doação de materiais ou dinheiro para darem início à construção da casa própria.

A exclusão de participar dos processos produtivos e, até mesmo, em muitos casos, a impossibilidade de continuar sobrevivente na cidade, são processo que atinge significativas parcelas da mão-de-obra de baixa qualificação profissional. Não poderia ser diferente num sistema que transforma os homens em mercadoria para o capital, aviltando brutalmente o valor de venda da sua força de trabalho. Pobre entre os pobres, os favelados, enquanto uma camada superespoliada da classe trabalhadora, estão particularmente sujeitos aos usos e abusos de um sistema cujo crescimento tem se realizado às custas daqueles que constroem as riquezas que não são suas.

PARÁ! PARÁ! EU SAIO!

O INQUILINO REALMENTE NÃO ESTÁ COM NADA!

